

CIPEAD-UFPR
NEAD- NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ELIZA MASSIGNAN

O USO DA MÍDIA RÁDIO NA ESCOLA
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

CURITIBA

2011

ELIZA MASSIGNAN

O USO DA MÍDIA RÁDIO NA ESCOLA
COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação - 1ª turma 2010, do CIPEAD-UFPR.

Orientador (a): Profª Flávia Lúcia
Bazan Besspalhok

CURITIBA-PR

2011

Maravilhar-se é o primeiro passo para um descobrimento.

Louis Pasteur

AGRADECIMENTO

Agradecimento especial ao Professor Reginaldo Lacerda do Colégio Estadual Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza da cidade de Jataizinho-Pr, pela colaboração dispensada na efetivação das entrevistas.

RESUMO

Neste trabalho procura-se estudar porque o uso da mídia rádio na escola não tem regularidade e as razões que experiências conhecidas e positivas também não obtiveram solução de continuidade, principalmente após o advento das tecnologias aplicadas à educação. O espaço escolar em que se analisa uma experiência com rádio-pátio faz parte de um núcleo de ensino de educação estadual e a escola de uma cidade pertencente a este núcleo. No trabalho usou-se o estudo de caso como caminho metodológico, e o principal objetivo é levantar junto aos envolvidos no projeto quais as principais razões que não permitiram a continuidade e com isso desenvolver novos estudos ou novas perspectivas para que esse veículo de comunicação massiva tão popular possa se incorporar à escola, na forma de um planejamento da instituição para todo seu espaço e com objetivo estritamente pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: mídias, mídia rádio, comunicação, escola,

SUMÁRIO

RESUMO	04
1 INTRODUÇÃO	06
2 CAMINHO METODOLÓGICO	08
3 O USO DO RÁDIO NA ESCOLA COMO DIRETRIZ PEDAGÓGICA	12
3.1 A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL.....	13
3.2 AS MÍDIAS E O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO.....	18
3.3 O RÁDIO NA EDUCAÇÃO.....	20
3.4 O RÁDIO NA ESCOLA.....	25
4 UMA EXPERIÊNCIA ANALISADA	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A importância do rádio na sociedade brasileira é revisitada de modo sucinto junto com sua história e seus momentos épicos, sua conotação política, cultural e social e seu objeto primeiro ao ser introduzido no cenário brasileiro: servir de meio educativo, devido seu alcance e sua comunicabilidade.

Também se percorreram outros caminhos, para relatar sua presença na educação e na escola, que princípios estiveram presentes nesses temas e como aconteceu seu caminhar, quais os estudiosos que lhe deram a devida importância no aspecto educativo, o porque da perda, em parte, de seu objetivo inicial, e que experiências foram documentadas com seu uso no espaço escolar. E a grande questão que se apresenta: por que este elemento de mídia tão popular e tão ouvido pela população não tem um espaço garantido no ambiente escolar? Mesmo com a competição de outras mídias mais poderosas como a televisão, ele não perdeu seu potencial comunicador e companheiro inseparável dos anônimos que circulam de casa para o trabalho e do trabalho para casa, abraçados aos seus pequenos móveis.

Com seu poder de alcance e uma história importante como mídia para a população brasileira, torna-se interessante uma abordagem sobre seu esquecimento como instrumento de aprendizagem e de seu uso pedagógico nas escolas. Como afirma OROZCO (2010), existe uma espécie de “miopia” pelos docentes que fazem questão de ignorar a importância de se trabalhar no espaço escolar com as mídias, principalmente as que estão mais incorporadas aos hábitos da população de jovens, uma vez que junto com essas manias eles trazem também uma nova cultura, novos valores e muita informação desordenada, mas que precisam ser trabalhadas e questionadas através de uma reflexão crítica sobre como se relacionar com toda essa parafernália. Para ZENEIDA (2006), essa cultura que o jovem traz junto com essa vivência midiática, deve servir de elemento agregador e enriquecedor da própria cultura escolar e do conhecimento já organizado cientificamente, pois o ser humano, traz sempre aliado aos seus valores e cultura pessoais, um conhecimento que ele desconhece a importância, mas que a escola pode muito bem dar-lhe uma nova imagem e interpretação, com um novo olhar: o olhar do conhecimento.

A partir da análise de uma experiência com rádio-pátio em uma escola, através de estudo de caso, procura-se estabelecer uma conexão entre a implantação, funcionamento e encerramento das atividades dessa rádio para entender que razões ou motivos levaram-na a não desempenhar o papel que era esperado de sua existência no espaço escolar. Devido à importância que se atribui ao rádio como veículo comunicador, quer-se encontrar possíveis outras razões que impedem ou não motivam o suficiente os espaços escolares no uso e aplicação desse recurso como instrumento pedagógico no processo de aprendizagem e perceber até que ponto, a escola ainda é palco reprodutor do estilo de transmissão do conhecimento pela repetição, memorização e reprodução e não na construção do mesmo via exploração e experimentação através da interação e da construção coletiva.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Responder à questão formulada, se a escola pode se beneficiar do uso pedagógico do rádio em seu ambiente e o porquê de seu pouco uso no espaço escolar, é buscar um pouco de sua história, sua evolução e de como se encontra sua situação hoje como veículo de comunicação. O uso da pesquisa como aporte para o estudo foi o passo inicial, e para o entendimento dos recursos que foram utilizados neste trabalho partiu-se do conceito do sentido primordial do que se busca quando se lança mão desse procedimento. Em MARCONI & LAKATOS (n/d), percebeu-se que há muitas definições sobre pesquisa entre estudiosos. Para alguns, a pesquisa pode significar detectar um problema e avaliar e analisar suas questões em busca de uma solução; ou procurar respostas através de métodos científicos; ou investigações especializadas que exigem vários estudos e investigações, dependendo do objeto a ser estudado. ANDER EGG (1978 apud MARCONI p.15), ao dizer que: “a pesquisa (...) é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”, veio ao encontro à proposta deste trabalho, que, visando uma investigação sobre o tema em questão, quis, antes de tudo, fazer uma reflexão pontual e crítica em busca de dados que expliquem e exemplifiquem de que maneira o uso do rádio como instrumento pedagógico pode ser um elemento auxiliar e motivador no processo de ensino na sala de aula e no espaço escolar, e ao mesmo tempo, delinear experiências que se manifestam com esse instrumento no interior da escola.

Toda a pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem sucedida de um problema. A teoria, sendo instrumento de ciência, é utilizada para conceituar os tipos de dados a serem analisados. Para ser válida, deve apoiar-se em fatos observados e provados, resultantes da pesquisa. A pesquisa dos problemas práticos pode levar à descoberta de princípios básicos e, frequentemente, fornece conhecimentos que têm aplicação imediata. (MARCONI, n/d:17)

Delinear esse espaço de pesquisa fez-se necessário para a condução na busca de respostas ao que se desejou investigar e direcionar com melhor qualidade o estudo.

Para não se cair num estudo empírico, diante de dificuldades metodológicas, uma disciplina na escolha das formas de condução da pesquisa pretendeu dar uma

visão e um encaminhamento mais coerente para o trabalho, e prever que não houvesse grandes desvios de propósito nas questões abordadas. A obtenção de conhecimento em Ciências Sociais, passa por questões semânticas, cujos debates, ainda que conduzam a processos de orientação quanto aos procedimentos, encontram em seus estudiosos condutas e preferências ainda passíveis de novas orientações e/ou estruturas. De acordo com VIDAL,

No momento de se elaborar uma pesquisa, os cientistas sociais têm que optar por uma metodologia que guiará a estratégia de coleta de dados, e em definitivo, de obtenção e criação de conhecimento. Este método corresponde a um extenso debate em Ciências Sociais e que pode resumir-se da seguinte forma: a opção pelos métodos de obtenção de dados qualitativos ou quantitativos. (VIDAL, 2006:2).

Em se tratando de um estudo que primou por considerar as relações que se efetivam num determinado espaço social e que são regidas por normas, regras e/ou regulamentos que acabam caracterizando uma estrutura social determinante, clara e objetiva, foi importante considerá-las junto com suas determinações. Em Sociologia, tanto fatos sociais, ações e atitudes comportamentais, refletem a realidade estudada, quanto esta também é determinante de ações e fatos que transformam ou condicionam a realidade. Portanto, o pesquisador também passa a ser integrante desse processo com sua subjetividade que faz interpretações, considera a realidade em suas manifestações múltiplas, ou seja, nos seus contextos sócio-econômicos, políticos e culturais, posto que "acontecimentos aparentemente idênticos podem possuir significados diferentes consoantes os meios" (HERMAN, 1983, apud VIDAL, 2006:8).

Isso tudo para dizer que a caracterização dos dados trabalhados primaram pelo aspecto qualitativo, que pretendeu um levantamento do que e como funciona esta realidade próxima.

Dentre as tipologias de pesquisa que nortearam o início do trabalho, buscou-se o caminho daquelas que apresentaram uma relação mais estreita com o objeto de estudo e assim, a pesquisa exploratória permitiu conhecer com maior profundidade e detalhes o assunto e procurou com maior clareza as razões e o porquê das coisas. Conforme GIL (1999), este tipo permite uma visão geral sobre a questão, uma vez que não há um registro específico dessa experiência no espaço escolar público como um todo, especialmente em sala de aula no ensino médio.

O que se encontrou são experiências por um determinado tempo, analisadas positivamente, mas que por razões próprias não tiveram solução de continuidade. A intenção foi reunir mais conhecimento e ordenar o que já existe, de modo a permitir a busca de outras características não conhecidas e desenvolver novas pesquisas acerca do tema.

Concomitantemente procedeu-se a, uma revisão de bibliografia, por permitir um aprofundamento no conhecimento da realidade, pois não se dispensou uma boa pesquisa bibliográfica, e seus autores selecionados a partir do interesse na temática, que pudessem subsidiar e consubstanciar o trabalho.

Na verdade, este tipo de pesquisa é o suporte teórico e documental do que está disponível e livre para consulta, sobre a produção que se efetivou com registros, que se buscou como ponto de partida para uma releitura sobre o assunto e, se possível, o acréscimo ou alguma contribuição.

Para confrontar com a parte de levantamento teórico, efetuou-se um estudo de caso sobre uma rádio escolar numa comunidade de nosso entorno, os caminhos percorridos, a fim de fornecer subsídios a partir de sua implantação, funcionamento, receptividade, contribuição pedagógica ao ensino, relações com a comunidade, problemas administráveis ou não, soluções adequadas ou não, e situação no momento do estudo.

De acordo com GIL (1999:73), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.”

LUDKE (acesso em 25/10/2010), é otimista quanto ao estudo de caso, pois, em sua opinião, ele aceita certa subjetividade ao estimular a interpretação pessoal que a afasta da frieza de dados numéricos.

O pesquisador é instado a integrar esses dados numa perspectiva muito mais ampla, composta por sua própria experiência em educação e o contexto onde o caso se situa. Sua prática educacional e seu conhecimento de teoria educativa, aliados à sua capacidade de interpretação e à habilidade de comunicação serão integrados na elaboração de um quadro coerente a respeito de uma determinada instância da realidade educacional. Esta não será apenas representada por um conjunto de tabelas, com dados significativos ou não, mas por um relato que, embora de cunho pessoal, se preocupará em transmitir uma imagem total do fenômeno estudado. (LUDKE, 2010:18).

Ao ler artigo de ALVES-MAZZOTTI (2006), sobre Usos e Abusos dos Estudos de Caso, e seu comparativo entre dois defensores dessa metodologia, Stake e Yin, obrigou-nos a uma atenção mais que primorosa sobre essa escolha e seus critérios para seleção do caso. Mas, ao mesmo tempo, houve maior motivo para o enfrentamento desse desafio, considerando o que diz sobre os pontos convergentes desses autores: "nem todo estudo de uma única unidade pode ser considerado um estudo de caso, e estudos de caso não são fáceis de ser realizados, ao contrário, eles se revestem de grande complexidade, o que exige o recurso a técnicas variadas de coleta de dados." (2006:648).

O que se deduz é que tem grande relevância os critérios para a seleção e o desenvolvimento de estudos de caso, e primordialmente tem-se que analisar a produção de conhecimentos na área, e estar a par do que está em discussão. É claro que todo pesquisador tem em mente estudar algo único ou que não seja usual ou comum, e que necessita avaliar com seus pares se a partir de seu objeto de estudo, há condições de se aplicar um estudo de caso. (ALVES-MAZZOTTI, 2006:648-650).

O mérito dessa escolha caberá à orientadora a que está submetido este estudo.

3. O USO DO RÁDIO NA ESCOLA COMO DIRETRIZ PEDAGÓGICA .

Sendo o rádio o primeiro veículo de comunicação eletrônica com poder de alcance a um maior número de pessoas, e que tem uma história importante como mídia para a população brasileira, torna-se interessante uma abordagem sobre seu esquecimento como instrumento de aprendizagem e de seu uso pedagógico nas escolas.

O aluno de nosso tempo moderno, é instigado por um volume grande de informações e de tecnologias inovadoras em todos os aspectos da vida, e por esta razão não se identifica mais com uma escola que não lance mão dessas inovações em seu cotidiano, mesmo quando composta de profissionais cultos, com bom conhecimento, mas que se limitam, do ponto de vista pedagógico, a transmitir seu conhecimento de modo tradicional, sem associá-lo a recursos e instrumentos didáticos que lhe dêem uma mobilidade, visibilidade e dinâmica, capazes de mostrar sua riqueza e sua importância. E isso vale para todas as escolas, em qualquer espaço geográfico, pois não existe distância para se estabelecer quem merece ou não qualidade de aprendizagem: todos os cidadãos, no ato de seu nascimento, têm, pelo direito natural que se lhe vem agregado, o direito à educação, e isso pressupõe integralidade e não partes. E no Brasil, nossa Constituição de 1988, reafirma esse direito nato. Portanto, educadores que têm como compromisso o ensinar e o aprender reciprocamente, não podem ser veículos desestimuladores desse processo, que nominamos aprendizagem. E para que isso se efetive de modo produtivo e eficaz é necessário, não só evoluir do ponto de vista do conhecimento específico das disciplinas, mas também, e principalmente, do ponto de vista pedagógico e da sua prática.

O rádio, um instrumento pedagógico, simples, de conhecimento geral, que está presente no cotidiano das pessoas, pode e deve servir como condutor de processos de aprendizagem. Conforme a própria história do rádio no Brasil, mesmo com a evolução de outros sistemas tecnológicos, ele sempre permaneceu como um veículo de ligação e comunicação para diversos assuntos de interesse comunitário, além de lazer, para as populações mais desprovidas de recursos e acesso a outras formas de comunicação, inclusive para a camada não alfabetizada que encontrou nele um suporte de informação e orientação sobre diversos assuntos. (OROZCO GÓMEZ 2006). Apesar de algumas resistências em se adotar a linguagem

radiofônica no ambiente escolar, algumas iniciativas pioneiras e corajosas vieram mostrar como isso é possível. E com a ação do MEC em incentivar, colocar Universidades como fonte de apoio às escolas, disponibilizar e simplificar o modo de implantação de uma rádio na escola, isso, provavelmente, viabilizará o uso desse recurso tecnológico na educação e, com certeza, com grande sucesso, principalmente no Brasil que possui uma história interessante em relação ao rádio, desde sua primeira transmissão. E seus caminhos começaram com propósitos pedagógicos que não se mantiveram de forma pura, mas sofreram interferências várias, desde aspectos políticos, econômicos, culturais e no aspecto social acabou deixando a desejar.

3.1 A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

A partir de 1922 o Brasil tem sua primeira transmissão via rádio, trazida por americanos junto com aparelhagens extras, visando instalações de duas novas emissoras e para a divulgação do rádio, com apresentação do presidente da república Epitácio Pessoa, cujo discurso foi transmitido ao vivo do alto do Corcovado na comemoração do Centenário da Independência, a fim de demonstrar a eficácia do novo invento. (TAVARES, 2009).

Edgard Roquete Pinto, em sua visão de estudioso e antropólogo, interessou-se pelos meios de comunicação e entre eles, especialmente o rádio, como difusor da cultura popular, e já em 1923 havia criado a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o intuito de desenvolver um projeto cultural, seu grande ideal.

A primeira estação de rádio foi no Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto, considerado pioneiro, e sua estrutura era de sociedade mantida por sócios, sob o lema “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil” (TAVARES & SUETU, 2009). Junto com ela, o espanto: como era possível falar em um lugar e ouvir muito longe desse lugar. Em 1936, Roquete Pinto, devido dificuldades financeiras, cedeu sua estação de rádio ao Ministério da Educação e Saúde, pedindo que ela continuasse a difundir programas educativos e culturais, como era seu princípio inicial. (HORTA & TAVARES, 2008).

O governo Getúlio Vargas soube muito bem utilizar esse meio de comunicação e seu potencial alcance a um número grande de pessoas, independentemente do espaço geográfico. Aliás, foi pensando nas distâncias entre as populações e o governo que ele dinamizou a disseminação de emissoras e a fabricação de aparelhos de rádio, para um contato mais direto entre ele e seus

comandados. Para isso criou, em 1938, o programa Hora do Brasil, até hoje eternizado pela Voz do Brasil.

Com a estatização da Rádio Nacional em 1940, Getúlio viu como um instrumento de integração do país e a transformou num modelo de ação política de seu governo junto a agências de publicidade e com isso a dinamização da rádio em termos jornalísticos, na dramaturgia, humor, revistas musicais, programas de calouros, concursos com os(as) cantores(as) revelados e a transformação de alguns talentos em ídolos popularizados e idolatrados pelas massas através dos concursos de Rainhas do Rádio. Além, é claro, de programas de informações úteis e de interesse público. O futebol foi o esporte popularizado através do rádio, e as narrações nas vozes de locutores famosos, tornaram-se referência que depois, de alguma forma, foram adaptados à televisão. Com a disseminação de emissoras por todo o país, este veículo tornou-se um verdadeiro fenômeno social, pois passou a vender produtos, impor moda e valores e a conduzir a população na escolha e eleição de seus ídolos. Com o advento da TV, nos anos 1960, o rádio passou por dificuldades e crises e começou a reduzir custos com eliminação de alguns programas caros (TAVARES & SUETU, 2009).

Com o sistema de censura imposto pelo regime militar, as rádios passaram a executar músicas dos artistas censurados e a emitir notícias de modo metafórico para transmitir informações e driblar a censura.

A emissão de sinal via satélite (1990), favoreceu a transmissão das emissoras de rádio que potencializaram sua veiculação e se espalharam via redes (conglomerados) associadas às redes de TV. Isso mostra que o rádio continua um dos principais meios de comunicação de massa no Brasil, e se instrumentalizou de forma eficiente ao utilizar a internet para transmissão de programas de áudios de suas emissoras, estabelecendo interatividade com os ouvintes que acessam a programação e podem opinar e escolher arquivos sonoros de suas preferências.

Nesse ambiente de cultura digital o rádio poderá ser útil na sua inserção em práticas educativas e pedagógicas. (TAVARES & SUETU, 2009).

De acordo com HAUSSEN (2004), o rádio sempre caminhou junto com cultura e política aqui no país, e serviu de veículo para as manifestações culturais, as mais distintas, focadas principalmente na música e no esporte, tendo o futebol como sua expressão primeira. As novas tecnologias, no rádio e no cinema, serviram de alicerce para a organização do poder de cunho nacionalista que se estabeleceu na

América Latina nos meandros do século XX, e fizeram surgir uma nova forma de comunicação dos detentores do poder com a massa popular: um discurso massivo de cunho social, que usou a cultura para criar uma identidade nacional.

Nesse aspecto, Getúlio Vargas, em seu primeiro governo, de aspecto nacionalista, soube bem usar o rádio como meio de comunicação de alcance nacional para fortalecer seu projeto político de união nacional. Para isso, criou condições de fabricação e distribuição de aparelhos de rádio e também o aumento de emissoras.

Com as transformações na sociedade brasileira como aumento da população, início de processo de industrialização e de aumento da demanda de serviços, o governo criou momentos de educação política e social, junto com informes úteis e notícias que viessem de encontro às necessidades da população, como assuntos de negócios, saúde, esportes, entretenimento, etc. O que, no princípio, era de responsabilidade do Ministério da Educação, com a criação de Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, ligado ao Ministério da Justiça, o governo de Getúlio pensou estabelecer um controle e ter um instrumento de propaganda política de suas ações. Mas isso não lhe foi tão fácil, pois encontrou resistências entre radialistas, artistas, empresários e políticos. Só que a percepção das vantagens desse veículo de comunicação como elemento de poder e de manipulação, que saiu das mãos de Getúlio, passou por Brizola e por Jango e chegou à atualidade, com o aumento das concessões de emissoras nas mãos de políticos ou grupos ligados a eles, formando verdadeiros conglomerados junto com outros medias, como jornais, canais de TV, etc. (HAUSSEN, 2004).

Como foi visto, o sistema radiofônico no país esteve ligado desde seu início, com aspectos políticos, econômicos e culturais, e pessoas representantes desses setores exerceram e influenciaram, cada qual à sua maneira, o processo de implantação, transmissão, exploração e concentração de poder. E com o advento da internet, as possibilidades de intercomunicação multiplicaram-se e somaram-se a todas as outras mídias, incluindo o rádio, ou rádio web e seus recursos virtuais.

Essa concentração possibilita o estabelecimento de uma *pseudoligação* entre as pessoas de todo o mundo, atingindo praticamente toda a extensão do território brasileiro, já que todos, na mesma hora, são receptores (...) Mesmo sendo apenas receptor, o cidadão comum vive a sensação de estar *integrado* a todo o planeta, tão-somente porque sabe o que está acontecendo longe de seu próprio contexto de vida local. (PRETTO e COSTA PINTO, 2006:21)

Precisa-se fazer um recorte, sobre este potencial do rádio nos seus primórdios, lembrando o papel importante da BBC que em sua história teve recomendações governamentais, retratando interferências do poder político em questão, fazia transmissão de peças em versos, narração de batalhas em tempos de guerra, e na linha da BBC, a presença marcante de Orson Welles na CBS americana, como locutor de rádio e sua narração do utópico *Guerra dos Mundos*, criando pânico na população por acreditar em sua narração. E essas experiências determinaram os dois principais modelos de emissoras de rádio que se propagaram pelo mundo. Logo, o hitlerismo, fascismo e outros ismos se utilizaram do rádio para transmissão de notícias e informações de cunho político-ideológico para formar na população mentalidade favorável aos projetos de poder (BRIGGS & BURKE, 2006: 215-233).

De modo geral, o rádio teve seu espaço como instrumento com fins culturais e educativos, que se estenderam a propósitos políticos também, em toda a América Latina, alguns países com maior representatividade, como Brasil, Argentina, México, Bolívia e Colômbia.

O estilo americano serviu de referência ao modelo brasileiro e a Rádio Nacional procurou seguir linha diferenciada da Rádio MEC, modificando grande parte de sua grade, sem perder o foco de difusão cultural, mas se destacar pela programação com muito espetáculo, músicas nacionais e internacionais e grandes orquestras, humor, rádio teatro e rádio novelas que agradassem ao gosto do povo brasileiro, e assim chegou ao patamar de referência como “a maior expressão da fase áurea da radiofonia brasileira e uma das principais rádios da América Latina e mesmo do mundo”, (ZUCULOTO, 2009:371), influenciando as grades de grande maioria das emissoras da época.

Com eficácia e mesmo sendo estatal, a Rádio Nacional tornou-se expressão maior desta era de ouro do sistema privado da radiodifusão brasileira e conseguiu, naquele tempo, cumprir o papel político-cultural que lhe atribuíram, tanto o governo Getúlio Vargas como a própria classe dominante do país. Marcou definitivamente a história do rádio no Brasil, inclusive a construção histórica específica das emissoras do campo público. (ZUCULOTO, 2009:375)

Isso acabou se estendendo e favorecendo a educação à distância e a modelos sociopedagógicos para aqueles que tinham dificuldades de acesso ao conhecimento de qualidade. Esse processo inicial de transmissor e difusor de conhecimentos, acabou ampliando e desempenhando um papel mobilizador dos radiouvintes em

seu papel de cidadãos, o que se descobriu, um grande incitador e aliciador de multidões, como nos concursos de rainhas do rádio e no consumo dos produtos originários de sua programação, como revistas, músicas, etc. Por esta e outras razões, este veículo passou a ser também motivo de preconceitos, como veículo preferencial da classe pobre ou sem prestígio no meio intelectual por lhe atribuírem funções consideradas menores, com informações de utilidade voltadas aos interesses dessa população, como por exemplo, indicação de remédios para alguns tipos de doenças, receitas, cuidados com a saúde, músicas sertanejas ou caipiras, Informações sobre a agricultura básica, plantio e tempo, e inserções políticas conforme prática de governos populistas. Tanto que anunciaram várias vezes seu fim, mas sua resistência o fez ressurgir das cinzas como uma Fênix rejuvenescida, e transformou-se de patinho feio a um cisne pomposo para alguns setores letrados da população (MEDITSCH, 2010).

Tanto que hoje, o paralelo que se pode fazer é com o zapping da internet, pulando de sites, blogs, links, de webs, hiperlinks para outros, etc., pois na era do rádio, era comum não permanecer sintonizado em uma única emissora, mas saltitar de uma para outra para ver que programa mais interessante poderia encontrar.

O rádio foi o primeiro instrumento eletrônico a chegar aos lares, e por basear-se na comunicação oral, seu desenvolvimento e sua contribuição não eram associados ao desenvolvimento da escrita que era dominante. Com a evolução de equipamentos eletrônicos que foram melhorando o processo de transmissão, chegando à televisão que além de ter som tinha uma vantagem a mais: a imagem em movimento, o rádio passou a ser desconsiderado como instrumento eletrônico moderno, e isso era percebido pelas afirmações tais como “a era do rádio” num sentido de passagem do tempo, em que sua era já havia terminado e que nas entrelinhas lia-se “que existia uma nova era”, que era a comunicação com imagem.

A melhor maneira de explicar isto é compreender que não foi nem o som nem a imagem que estabeleceram novas eras, mas sim a tecnologia eletrônica: tanto o rádio como a TV pertencem à era da informação, e o rádio foi a manifestação mais precoce da era eletrônica na comunicação de massa (...). O rádio nasceu eletrônico, mas suas perspectivas eram avaliadas por uma cultura letrada. Para dominar o veículo, esta cultura precisou retalhar o seu fluxo eletrônico sem começo nem fim, e que só pôde ser compreendido como possibilidade nos últimos vinte anos. (MEDITSCH, 2010)

O julgamento que se faz dele então, é pela perspectiva letrada ou da escrita, pois a lógica da programação era pela escrita e agendamento, organizando os conteúdos e disciplinando o público. “O princípio da obra fechada, que orientou a lógica dos programas, representou uma conquista da tecnologia da escrita em relação às anteriores culturas orais” (MEDITSCH, 2010). Só que ambas as culturas (orais e escritas) têm coisas em comum, mas as diferenças passam despercebidas ao observador nem tanto atento. E sua linguagem é a sonoridade invisível da palavra, a música, o ruído e o silêncio, tudo em tempo real, que se projeta nas possibilidades de transmissão a cabo, via satélite ou internet, com o uso de ferramentas que a web disponibiliza como blogs, podcast, e webmail e outros, pois a cada dia surgem novas alternativas de softwares disponibilizados, muitos livremente. Isso, com certeza, facilita o processo interativo (idem).

E no final do milênio teremos, com as transformações tecnológicas, um novo modelo de comunicação, não mais a comunicação de massa, mas a que se processa pela interatividade, em qualquer espaço, e principalmente no virtual. (PRETTO, 2008)

A partir daí, muita curiosidade e muita especulação sobre qualidades e possibilidades do uso do rádio.

3.2 AS MÍDIAS E O CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

Os discursos desse século sobre as grandes transformações tecnológicas focadas principalmente na comunicação, dizem que vivemos a era da informação, do conhecimento, das velocidades das mudanças, da interatividade, do mundo virtual e da presença do mundo em tempo real e que podemos estar em qualquer lugar bastando “dar um clic”, seja na televisão, no rádio, na internet. E vêm chavões como: “vivemos na era da globalização”, “não nos pertencemos mais”, “somos interplanetários”, “o mundo está dentro de nossa casa”. Isso tudo nos diz que nossa geografia mudou e muda a cada instante, nossa noção de espaço está diferente, nossos valores e culturas aos poucos vão incorporando outros aspectos que vêm pelas diversas mídias e perdemos parte de nossa identidade e não temos componentes similares de identificação na cultura globalizada que se apresenta, mas forçamos algumas características para nos sentirmos incluídos nesse mundo, ou como dizem os jovens “ligados” ou plugados (PRETTO, 2008:190-191).

A grande questão é: como estamos nos preparando para essa nova era? E quem pode e deve começar? Sabemos que a escola não é mais a única

disseminadora do conhecimento acumulado, pois existe uma educação não-formal pelos meios de comunicação que traz um volume de informações, e como diz MORIN, “ a informação,(...), não é conhecimento, pois o conhecimento é o resultado da organização da informação. Ora, na atualidade, temos excesso de informação e insuficiência de organização, logo carência de conhecimento”(2003:8).

Neste sentido, os meios de comunicação, ao trazerem uma infinidade de informações, não necessariamente, estão trazendo conhecimento, pois isto não se processa se não tiver compreensão e esta tem ligação com o social, político, existencial e a subjetividade do sujeito, que precisa saber fazer a diferença entre comunicação, informação, conhecimento e compreensão para que não se oponham à sabedoria, que segundo MORIN (2003:8) “é a capacidade de integrar, incorporar conhecimentos à vida cotidiana”. Sem isso, pouco vale tanto conhecimento ou informação. A objetivação da compreensão se dá na medida em que a subjetividade, pelo processo interativo, se traduz em simpatia, pela projeção ou identificação entre as partes, vindo, por exemplo, de compaixão, de simpatia, de amor. Na compreensão há sempre um componente afetivo. Você pode decodificar a informação, organizá-la em forma de conhecimento, mas se não compreender seu valor, sua utilidade e não souber incorporar algo desse valor à sua vida, ao seu cotidiano, perdeu a essência desse conhecimento. É aí que se encontra a sabedoria, no conceito de MORIN, saber fazer uso do conhecimento.

Quando PRETTO (2008), diz que a escola precisa incorporar a tecnologia em seu ambiente, entrar na era da comunicação, utilizar a mídia como recurso pedagógico, etc., se ela não tiver explícito em seu meio que comunicar não é só usar meios tecnológicos modernos, inserir-se na “era da comunicação”, acessando a internet, usando meios multimídias em suas aulas, tendo alunos e professores modernos que sabem e conhecem esses meios e suas formas de manuseio, ela pode transformar-se num meio reprodutor de cidadãos imbecis culturalmente, se não trabalhar numa preparação crítica e reflexiva de seus sentidos. Não basta dizer que a escola necessita preparar cidadãos para o século XXI, com capacidade de entender os meios de comunicação multimídias e como manuseá-los, pois corre o risco de formar cidadãos robôs, hábeis em manuseio tecnológico, mas sem noção de sua utilidade na vida e sem critérios de escolhas do que é conveniente ou não, sem distinção do que pode ser bom para seu meio cultural e sem saber preservar suas identidades como pessoas sujeitos de ação e transformação. Não se pode

considerar que a escola está inserida no mundo moderno, pelo fato de apresentar lindos laboratórios midiáticos e cheia de recursos tecnológicos, se não tiver em seu projeto pedagógico a discussão filosófica para que fins servirão e como servirão, onde quer levar seus alunos com aquele conhecimento. Pois, somente o acesso aos meios não garante nada, e reforça PRETTO (2008:191): “não precisamos de internet nas escolas, mas sim de *escolas na internet*”. Para ele é uma questão de posicionamento político em relação ao uso de mídias nas escolas, e vai além, quando diz que é preciso fortalecer as culturas locais, a fim de, veicular informações a respeito delas em todos os meios disponíveis. É uma forma de preservar identidades e culturas regionais, sem abrir mão dos avanços tecnológicos em questão.

As primeiras pesquisas sobre comunicação, já apontavam esta preocupação, pois os pesquisadores americanos, diziam “ que o problema não era saber o que a mídia faz de nós, mas o que nós fazemos da mídia” (MORIN, 2003:10). Se considerarmos a primeira informação, temos que admitir que o processo faz-se, colocando o receptor em situação de passividade e de imbecilidade cultural, sem condições de compreensão de uma leitura crítica, mas um sujeito manipulável, fácil de conduzir de acordo com as conveniências do meio.

ZENEIDA (2009), preocupa-se com o volume de informações dos meios de comunicação tecnológicos que crianças e jovens levam para dentro da sala de aula e questiona a problemática dessa relação dentro do processo educativo, cultural e social, argumentando que o papel da educação é colocar o aluno em contato com este conhecimento, mas de modo que ele saiba como deve estabelecer a interação com esses meios, indo ao encontro do que MORIN embasou nos escritos acima.

3.3 O RÁDIO NA EDUCAÇÃO

O nascimento da radiodifusão veio alicerçada no seu princípio, como instrumento de difusão cultural e de integração, com objetivo de disseminar conhecimento e servir de elemento agregador de povos pelo conhecimento elaborado e reelaborado entre si, caracterizando assim seu princípio educativo e interativo.

O rádio na visão de BRECHT (acesso em 2010), como aparelho difusor, tinha como função primeira, ser distribuidor de alguma coisa, pois, inventaram-no sabendo de suas condições técnicas, mas sem saber exatamente para que serviriam aqueles tipos de componentes. Como ele diz, ter-se-ia melhores resultados com esses

aparelhos de difusão, se, ao invés de se transmitir o que acontece no cotidiano e que é considerado de importância por quem o produz e assim lhe dá o tratamento e a produção que o valoriza como fato, deixassem que a produção fluísse normalmente e naturalmente sem cessar. “Além disso, vocês podem preparar, diante do microfone, em lugar de resenhas mortas entrevistas reais, nas quais os interrogados têm menos oportunidades de inventar esmeradas mentiras, como podem fazer para os periódicos”. (destaque nosso) BRECHT (acesso em 2010). Já em sua visão, a radiodifusão tem como objetivo o aprendizado de algo, isto é, um objeto de ensino, em que estão envolvidas duas partes: uma parte que possui os instrumentos (o aparato) que vão facilitar o processo em si, e a segunda parte é a pedagógica, o que se vai fazer com os instrumentos, resultando uma cooperação entre o aparato e o ouvinte. Mas, ainda conforme BRECHT (2010), “a concentração nos meios mecânicos, assim como a especialização crescente na educação – processos que é necessário ativar – requerem uma espécie de rebelião por parte do ouvinte, sua ativação e sua reabilitação como produtor”. ... Ou seja, “... fazer interessantes os interesses”.

Kaplún, em sua determinação sobre o rádio como veículo de comunicação, e valorização do ouvinte como produtor e transmissor de seu conhecimento, de forma a provocar outros conhecimentos e experiências, desejou e transformou em exercício de aprendizado, essa possibilidade, senão de forma completa, pelo menos como ponto de partida para reflexão e mudanças no que tange sua prática. Considerava que na América Latina, de tantas dificuldades e desigualdades próprias de seus espaços geográficos, tinha uma possibilidade de movimentar as consciências desse seu povo para que fizesse do “uso da oralidade, principalmente, um recurso para que as vozes latinas não sejam apenas ouvidas, mas portadoras de uma idéia, um código que represente um compromisso com a liberdade”. (CARACRISTI, 2000).

Por essa questão, já se vê a importância que KAPLÚN (1998) dava ao rádio, não só como veículo transmissor, mas despertador de consciências e movimentador ou provocador de ações para o exercício da cidadania, principalmente no que tange à conquista de direitos básicos tão premente no seio dessa população latina em geral, da qual tirou e aperfeiçoou, pela vivência na maioria dos espaços que descreveu ou tomou como referência, grande parte de seu conhecimento.

E como bem descreveu em seu livro *A la educación por la comunicación*, uma das necessidades a serem consideradas na era da intercomunicação, a partir dela, seria importante para qualquer sujeito sentir-se inserido nessa nova sociedade, possuir habilidades comunicativas. Mas com a evolução rápida dos sistemas ele percebeu que isso ia além, e que esta sociedade passava a considerar as habilidades comunicativas como um pré requisito e não apenas uma das condições (CARACRISTI, 2000).

MCLUHAN (2007), faz uma análise dos meios de comunicação e sua relação do homem em seu espaço, e como filosoficamente, sociologicamente e psicologicamente estes meios se incorporam nas ações do ser humano, como nas afirmações que se encontrou em uma pesquisa com ouvintes que disseram: “Quando ouço rádio, parece que vivo dentro dele. Eu me abandono mais facilmente ao ouvir rádio do que ao ler um livro” (2007:35). Isso demonstra o poder deste veículo e sua capacidade de envolvimento e de conduzir facilmente as pessoas, dependendo de como é feita a comunicação.

O poder que tem o rádio de envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho de rádio, durante seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transistores, que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões. (MCLUHAN, 2007: 335).

Essa leitura que Marshall McLuhan faz do potencial do rádio, traduz um processo de comunicação que é interdependente, isto é, há uma relação entre os espaços de quem comunica e de quem recebe a comunicação, independente de quem é mais influenciado ou pode influenciar. BERLO (2003:109-137), faz uma distinção entre a comunicação interdependente onde, ou o receptor é mais influenciado pelo emissor ou vice versa, existindo aí uma preponderância de um dos dois. Para ele, o equilíbrio entre a comunicação só se processa quando existe empatia completa que se traduz pela interação: o ideal de comunicação acontece quando a capacidade de influenciar e ser influenciado aumenta com a interatividade, quando o exercício de papéis se funde, de modo que a ação de um crie expectativas de ação do outro.

MEDITSCH, comenta o livro de Mário Kaplún, *Produção de Programas de Rádio: o roteiro – a direção*, onde fala da atuação deste profissional em prol da “valorização da mídia voltada para a educação permanente, em oposição à visão simplificadora que a área pedagógica costuma ter da comunicação.” (MEDITSCH & BETTI, 2008). E cita Kaplún:

O diálogo entre educação e comunicação está longe de ser fluído e frutífero. O mais freqüente é que a primeira entenda a segunda em termos subsidiários e meramente instrumentais, a concebendo tão somente como veículo multiplicador e distribuidor dos conteúdos que ela predetermina. (...) Desta forma foi-se petrificando o duplo e pertinaz mal entendido: a comunicação equiparada ao emprego de meios tecnológicos de transmissão e difusão e, ao mesmo tempo, vista como mero instrumento subsidiário, percepção que a cerceia e a despoja do muito que ela pode oferecer aos processos de ensino/aprendizagem. (KAPLÚN, 1973, apud MEDITSCH & BETTI, 2008).

Mais uma vez, podemos voltar a Brecht, que defende o uso do rádio enquanto processo em que o radiouvinte participa e também produz conhecimento, é a chamada via de mão dupla. KAPLÚN (1994 apud MEDITSCH & BETTI, 2008), seguindo esta trilha, em seus estudos verificou a grande penetração do rádio nas camadas de populações mais isoladas e com índice de analfabetismo elevado, às vezes, sendo o único meio de informação e inserção dessa população no mundo do conhecimento. Portanto, sua defesa desse meio na partilha do conhecimento é incondicional, mesmo considerando não atingir 100% da população, mas quase 80%, o que por si só justifica seu uso. Ele levanta várias questões pertinentes, como conhecer o meio com o qual se vai trabalhar e adequar o discurso e seu conteúdo educativo de modo criativo, capaz de captar o interesse e responder às necessidades do público a fim de tornar-se compreendido. Por esta questão, ele defende que: o comunicador tem um papel muito importante, que é o de conhecer seus interlocutores, seus espaços, e saber tratar com conhecimento de causa e com habilidade o que vai transmitir, sabendo dosar, sem correr o risco de dar a sensação de conteúdo pronto e acomodar o ouvinte nesse nível de conhecimento, mas deixar sempre a sensação de que deve desejar mais e que realmente queira mais. Isto não quer dizer, manipular e direcionar, e sim procurar desenvolver consciência crítica do ouvinte que, ao compreender parte do conteúdo, deve ser motivado a participar para não se tornar um mero receptor e incorrer-se no erro de reforçar condições de alheamento já existentes e de conformismo, mas de ser um serviço legítimo ao povo. Para que isso se torne real e efetivo, é de responsabilidade do comunicador, conhecer e entender o universo social desse público, e ao escancarar suas necessidades permitir-lhe supri-las ao conhecê-las e agir para a transformação. É o que ele chama de empatia sociológica que o comunicador deve cultivar. (KAPLÚN, 1998).

Para BRIGGS & BURKE (2006), a radiodifusão teve sua influência nos hábitos, costumes da população, refletindo-se em sua cultura e na sociedade em geral. O alcance do rádio estendeu-se a lugares, os mais remotos e distantes, atingindo populações sem nenhum tipo de recurso de informação ou mesmo de assistência social, e ele (o rádio), proporcionou informação, orientação, consolo a almas sofridas, solitárias, serviu de companhia, educou, todo tipo de pessoa: cegos, doentes, solitários, presos em todo o sentido, transformando sua fala em imagens de acalanto.

Principalmente nos Estados Unidos o rádio desenvolveu-se por meio de instituições educativas, e seu controle estava nas mãos de entidade específica da área, até o advento da televisão. Depois da TV, as normas passaram ao controle de Comissões para as Comunicações e suas leis eram gerais, o que afrouxou o controle educativo nas programações, repercutindo no resto do mundo que começava a implantar novos sistemas de telecomunicações associando rádio e TV (BRIGGS & BURKE, 2006: 230-232).

Conforme previsto na implantação do sistema radiofônico no Brasil, um dos aspectos que ficou em destaque era seu uso voltado à educação e principalmente como difusor da cultura popular, na visão ideológica de Roquete Pinto, seu precursor. E isso realmente aconteceu na primeira emissora do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923, que transmitia aulas de várias disciplinas, palestras educativas e cursos práticos. Outra experiência nesta área, foi a Rádio Municipal do Distrito Federal, em 1934, que transmitia aulas e apostilava as informações para atender às necessidades de seus radioouvintes que acompanhavam as aulas pelo rádio e se comunicavam pelo correio, telefone ou indo aos estúdios, aqueles que para isso tinham acesso. Roquete Pinto havia idealizado sua rádio com objetivo formador, sem elos comerciais, mas com o passar do tempo, percebeu, pelas concorrentes que adotaram a publicidade como seu carro-chefe comercial, que não teria condições de se manter no mercado devido à concorrência e aos custos. Então, passa o direito de exploração ao MEC - Ministério da Educação e Cultura, com o compromisso de não abandonar os programas educativos e culturais. (HORTA, 2009).

Assim, divide-se em parte, os princípios que irão direcionar o sistema de rádio no Brasil.

De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, teoricamente, todas as emissoras de rádio e TV devem ser educativas. Pelo princípio norteador, deve-se primar por programas que atendam essa prescrição. O problema é que não se fiscaliza e não há punição, o que faz as emissoras que cumprem esse aspecto, perderem em audiência e se afundarem em problemas econômicos por não alcançarem competitividade. Isso levou à distinção entre aquelas que, de certa forma, se enquadram e cumprem com o prescrito e que são chamadas educativas, e as que, ao diversificarem a programação de acordo com interesses econômicos ou políticos ou mesmo ideológicos acabam se distanciando da proposta educativa, e se transformam em veículos comerciais.

Na opinião do Prof^o. Doutor em Comunicação, SÉRGIO MATTOS (2005), esses veículos devem prestar serviços à comunidade, desenvolvendo visão crítica e reflexiva do mundo real, na preservação e renovação de valores culturais, nacionais e regionais e no desenvolvimento da condição de cidadania, e suas ações devem ser abertas e plurais.

3.4 O RÁDIO NA ESCOLA

O ensino brasileiro sempre deu e continua dando prioridade à linguagem verbal, e a transmissão do conhecimento se faz, através das formas verbais de comunicação e de expressão, considerando as bibliografias e práticas pedagógicas que privilegiam essas formas, incluindo-se aqui também o processo avaliativo que contempla instrumentos e critérios forjados em provas, análises, trabalhos, debates, etc., expressos pela linguagem verbal. (RIZZO, 2006).

E segundo ZENEIDA (2001), a comunicação vertical é ainda predominante na escola e representa o domínio do professor sobre o saber e aluno, ainda caracterizado pela expressão latina do *magister dixit*, que faz questão de ignorar o conhecimento não-sistematizado adquirido pelos diversos tipos de mídias, trazido pelo aluno, onde o professor é o detentor do saber e o aluno é o que deve aprender.

O professor é institucional e idealmente aquele que possui o saber e está na escola para ensinar, o aluno é aquele que não sabe e está na escola para aprender. O que o professor diz se converte em conhecimento, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, no espaço escolar na aquisição da metalinguagem, a dizer que sabe: a isso se chama escolarização (ORLANDI, 1996:31 apud ZENEIDA, 2001).

Pouca importância se dá à comunicação audiovisual, considerando-a um mero complemento de conhecimento, ou um recurso a mais. Diante de tantas avaliações negativas sobre o contexto escolar, suas práticas, e seus pífios resultados, vale uma reflexão mais demorada sobre como se processa esta aprendizagem, o que se deseja em relação a quem é objeto dela e quais os caminhos a serem desvendados ou desvelados para um melhor resultado. Por que a aprendizagem pelo recurso audiovisual não acontece de modo rotineiro e contínuo na sala de aula? Por que não se considera o potencial nesta área, cada vez mais inovador, que o aluno traz de sua vivência e de suas experiências? Há, evidentemente, uma distância entre a cultura escolar e a cultura da juventude. Esta, busca novos sentidos e novas formas de aprendizagem e traz consigo, independentemente do espaço geográfico em que se encontra, um conhecimento e manejo de instrumentos tecnológicos e sua maneira de se relacionar com eles, que a escola não sabe como lidar com essas expectativas e experiências que são trazidas para seu interior. (ZENEIDA, 2006). É necessário reestudar os conceitos de comunicação, pois há, nesse processo, receptor e emissor, onde cada um necessita do conhecimento das partes um do outro para que a comunicação se efetive pela interação no sentido amplo de sua definição.

Muito se discute sobre a necessidade de aparato tecnológico nas escolas, mas se a escola não define claramente o que quer que se faça com ele no espaço escolar, o que espera do professor, continuará com o uso inadequado, explorado de modo inconclusivo e incompleto e proporcionando um desequilíbrio em sua estrutura pedagógica, pois alguns professores irão utilizar esses recursos de modo a levar um conhecimento mais dinâmico e rico em troca de informações e conteúdos que virão de outros espaços e em sentido de mão dupla. Outros profissionais, timidamente irão ao seu encontro, mesmo considerando que seja benéfico, mas receosos e preocupados com sua pouca desenvoltura no seu uso, limitar-se-ão a uma exploração ainda no sentido vertical, onde leva o recurso para interpretar aquilo que deseja transmitir.

Na visão de TORNERO (2000), as escolas estão deixando de ser espaços fechados, controlados, ou seja, entre quatro paredes, onde o conhecimento se processa de cima para baixo, porque existe outro tipo de acesso extra-escolar ao saber, que acontece fora desses espaços fechados. São o que chamamos de mídias ou medias e que estão ao alcance de todos, e principalmente da curiosidade de

crianças e jovens criando um pré-conhecimento baseado em inúmeras informações que eles vão processando, mas não organizando, de modo que não chegam a formar um conhecimento, na visão de MORIN (2003). E os espaços escolares sofrem a pressão trazida por essas informações vindas na bagagem dos estudantes, como um acervo cultural a ser lapidado.

Centros de enseñanza han soportado la presión del cambio con crisis y contradicciones: reformas, malestar docente, insuficiencia de recursos, desmotivación de los estudiantes, desorientación, incertidumbre (...) , la tecnología ha influido en esta situación más por los efectos que ha generado en el contexto general que por su propia incidencia en el interior de los centros educativos (...). De hecho, en términos generales la renovación tecnológica en la educación es pobre y lenta en los países desarrollados y escasísima, en los no desarrollados. (TORNERO, 2000 :1)

Embora, a escola saiba da importância em preparar alunos críticos, não só do ponto de vista da linguagem verbal, mas também na linguagem de sons e imagens, ao não tomar posição firme nessa ação, diante dessa cultura diversificada sem distinção de classe que o jovem traz para a escola, e todo esse conhecimento não lapidado, “a escola contribui, ao ignorá-lo ou menosprezá-lo, para a formação de receptores meramente passivos. Espaço de transformação por excelência, o ambiente escolar vê-se, dessa forma, transformado em local de manutenção do status quo”. (RIZZO, 2006).

As práticas comunicativas geram hábitos e costumes, nem sempre de modo consciente, mas involuntariamente, que se incorporam como modelos ou padrões de condutas coletivas ou individuais, difíceis de serem modificadas, pelo forte apelo comunicativo e informativo, que acabam constituindo um ritual manifesto de modo natural e espontâneo (OROZCO GÓMEZ, 2006). É o que se vê nas pessoas quando chegam em suas casas e antes de qualquer ação racional, vão desligando o Mp3 ou Mp4 ou qualquer outro emissor de som, e vão direto ligando a TV, computador para acessar internet, de modo quase mecânico. Esse ritual tem também um componente massificador de identidades, em que se vê a fragmentação e volatilidade de imagens, atitudes, comportamentos se tornarem padrões gerais, imitados e incorporados, como se fossem produções em série e logo, no instante seguinte um novo modelo e um novo “ser” se faz, com visual e atitudes modificados tanto quanto a imagem. Esse entendimento é necessário e precisa ser considerado principalmente no ambiente escolar, pois, é nele que essas manifestações podem acontecer, principalmente entre jovens adolescentes. Isso se evidencia no âmbito da

autoridade escolar, em que, o jovem tenta impor seu valor pela força de sua “modernidade” e pelo grau de “conhecimento e informação” midiáticos de que se sente portador, pois o que ele aprende com esses recursos é muito mais significativo daquilo que aprende nas instituições educativas formais. Os livros, antes fontes legitimadoras do aprendizado, não têm mais a última palavra. As imagens em telas, os sons e falas dos áudios, as redes sociais, são mais fortes e convincentes, e podem ter, a última palavra como força de informação e servem de elementos questionadores dos alunos aos professores, sobre seu conhecimento enciclopédico que se esvazia de significados diante dos últimos informes dos ecossistemas comunicativos (OROZCO GOMÉZ, 2006:94-96).

Os docentes manifestam um temor profundo de serem substituídos pelas novas tecnologias de informação colocadas a serviço de objetivos de aprendizagem. E as instituições educativas acabam por não compreender a magnitude da mudança, e insistem teimosamente em continuar com uma visão reducionista que só repara no aspecto instrumental, tanto de mídias quanto de tecnologias. Não é equipar de máquinas as escolas a única alternativa para abreviar o desafio, como insistiram muitos ministérios de educação latino-americanos. Na verdade, debater e repensar os motivos da educação e da comunicação em uma grande mudança de época como a atual é o que necessitamos continuar fazendo. (idem: 97)

O uso do audiovisual, no espaço escolar deve ser urgente, para atender a necessidade de se preparar nossos jovens e crianças para um mundo cheio de estímulos de imagens e sons e para os quais eles possuem uma bagagem que se incorporou ao seu dia-a-dia como um baú de liquidação, no qual são colocados sem nenhuma preocupação de sua real aplicabilidade ou utilidade. E como as informações, relações e mediações acontecem em grande escala por esses meios, é imprescindível que a escola adote a preocupação de preparar criticamente nossos jovens para esse universo (ZENEIDA, 2006).

É preciso pensar que as novas tecnologias não vêm substituir o que se tem e funciona, mas incorpora-se e ajuda na criação de novas possibilidades de usos de novas formas de linguagem e todas as complexidades dessas inovações. Tudo que é novo, demora para ser assimilado e precisa de tempo de aprendizado, e cada qual tem seu tempo e sua forma de aprender. E nem sempre, ao aprendermos, conseguimos utilizar seu potencial de modo completo e muitas vezes, de forma até reduzida. Isso vai se desenvolvendo aos poucos e nem sempre atende a todas às

necessidades e ou expectativas, levando-se em conta que as velhas tecnologias não perdem, por completo, seu encantamento. (OROZCO GÓMEZ, 2006:84-86)

O jeito de aprender, e de transmissão do conhecimento, até agora, primava pela imitação/reprodução, e era hegemônico, mas com a tecnologia da informação há uma mudança de paradigma, pois a aprendizagem passa a ser processada pela exploração e a questão de hegemonia de um ou outro meio se confunde, pois antes o que se aprendia era num crescendo e de forma mais ou menos linear, e hoje é mais em sistema ampliado como construção de hiper links que se associam por semelhanças. As imagens adquirem força de prova e de convicção, em substituição ao livro e seus argumentos. (OROZCO GÓMEZ, 2006: 94-97)

A escola não pode ignorar ou desconsiderar a presença de mídias diversas na vida dos alunos, do educador e das pessoas em geral, pois hoje somos movidos pela informação instantânea, com a qual temos uma relação íntima que quase não nos permite desconfiança e nem tempo de garimpar o que realmente nos interessa. (ZENEIDA, 2001). E dentre essas mídias, o rádio tem uma presteza e uma rapidez, que seduz e atrai mesmo quando não estamos tão sintonizados. Isto porque, tem a capacidade de estar próximo e transmitindo sua programação, e de maneira subliminar penetra em nossos ouvidos e se armazena no inconsciente, após uma seleção natural, oriunda de nossos sentidos, como nos diz MCLUHAN (2007:37) “...nossos sentidos humanos, de que os meios são extensões, também se constituem em tributos fixos sobre nossas energias pessoais e que também configuram a consciência e experiência de cada um de nós...” Assim, o rádio, como outros meios de comunicação se caracterizam como nossas extensões pessoais, com as quais lidamos conforme nosso acervo cultural e social. Reafirmando MCLUHAN, “o meio é a mensagem”.

E o professor, necessita familiarizar-se com as diversas linguagens que fazem parte do cotidiano do aluno e de sua comunidade, de sua vivência, pois o que ele sabe faz parte da incorporação que ele fez dessa cultura, que não passou por uma análise crítica e reflexiva, tão importante quanto seu uso. É importante que seja trabalhada a diversidade de linguagens, além da oralidade e escrita, a produção de textos sonoros, imagéticos, escritos e hipertextos. Ainda conforme ZENEIDA (2001), “os meios de comunicação social constituem uma segunda escola, uma escola paralela à convencional. Com sua linguagem subliminar e encanto, atraem e prendem a atenção, produzem e reproduzem linguagem e cultura”. É essa cultura

que o jovem leva para dentro da escola e que precisa ser conhecida e trabalhada como um conhecimento novo a ser organizado e incorporado ao que já está estabelecido e sistematizado. São novos acréscimos que não podem ser descartados ou ignorados.

Segundo BARBERO (2009:10-15), não podemos pensar que os meios de comunicação produzem uma homogeneização cultural, pois não há uma cultura global, mas alguns aspectos da vida que se tornam globalizados e comuns no mundo, o que difere em termos de culturas, que mesmo interagindo mantêm suas identidades e suas distinções. “A comunicação de massa era mais ampla que os meios, e (...) tinham que ser relacionados com a cultura cotidiana da maioria – portanto, havia grandes mediações que vinham de formatos históricos, de matrizes culturais” (idem:13).

Mesmo considerando que não se pode falar em hegemonia neste processo, pois BARBERO lembra Gramsci, dizendo que esta se transformou em cumplicidade entre dominador e dominado, que envolve sedução e fascinação, devido a miscigenação de culturas que não se perdem, mas se fundem em alguns aspectos. E com a era da internet e o uso do computador, o cérebro não separa mais o lado dos argumentos do que é da paixão e da imaginação, e esta passou a ser uma espécie de domínio público, presente nas pessoas e em seu cotidiano.

Tanto, que na publicidade e nas emissoras de rádio e TV não se têm mais generalidades, mas programas com temáticas mais específicas e diferentes em termos culturais.

As medias enquanto meios de comunicação, todas têm sua visibilidade pela tecnologia que apresenta ou desenvolve, mas em contrapartida têm também, uma certa invisibilidade, própria de cada meio que se relaciona conosco de modo pessoal e particular e na forma como reativa nossos sentimentos, ao despertar ou provocar nossa sensibilidade (MORAN, 1993:180-183).

O rádio, enquanto meio de comunicação, tem também sua invisibilidade. “Manifesta-se a nós ostensivamente numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora, seja real e primeiramente uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas”. (MCLUHAN, 2007:339). Levando esses aspectos em consideração, pode-se argumentar que o uso que o jovem faz desses recursos midiáticos está intimamente ligado à sua personalidade, pois se vê repetidamente em cada um as mesmas características: fones de ouvidos, fios

estendidos e um aparelho minúsculo entre as roupas, e o jovem andando ou simplesmente ouvindo e balançando o corpo ao ritmo do que ouve.

ZENEIDA (2006), questiona o posicionamento de professores que resistem ao uso em sala de aula a saberes que o aluno traz em relação ao que conseguiu com mídias diversas, e se coloca intransigente para trabalhar esse saber ou transformá-lo em conhecimento elaborado cientificamente. Para ela, isso cria barreiras no diálogo necessário para uma boa comunicação, pois se estabelece um viés único partindo do professor. Se, assim continuar, a escola se tornará morna, desmotivante e obsoleta, que não vingará mais num espaço delimitado entre quatro paredes, num mundo globalizado que invade sua casa e seus meandros, forçando um processo de comunicação.

O uso do rádio, como instrumento pedagógico para a educação, no espaço escolar pode constituir-se num processo de desenvolvimento de auto-estima e de cidadania para a comunidade escolar e seu entorno, mesmo considerando que isto não esteja claro e explícito, mas subentendido, na medida que é emissor e receptor nesse contexto, pois permite a troca de conhecimentos, força a organização de informações, é portador das vozes que interagem e se tornam agentes e produtores culturais por meio dela. Reforça aspectos democráticos e participativos de um movimento horizontal na ação desses sujeitos, que ao transformar informação em conhecimento levam para sua comunidade os benefícios desse conhecimento.

Somente informação não significa conhecimento, se ela não for organizada e sistematizada, e a comunidade ao partilhar essas atividades numa proposta de aprendizagem com o recurso da rádio escola, estabelece uma familiaridade com equipamentos de comunicação radiofônica ao colaborar coletivamente na programação, constrói seu próprio discurso onde expressa suas idéias, pontos de vista, seus desejos e necessidades para melhor desenvolver as relações entre si, enquanto comunidade e desta com a comunidade escolar, numa prática efetiva da condição de cidadania, enquanto sujeitos ativos. (GONÇALVES & AZEVEDO, acesso em 20/11/2010)

“Os meios de comunicação são espaços altamente significativos de educação, porque estão próximos da sensibilidade do homem de hoje, e porque são voluntários (...) educam para a sensibilidade”. (MORAN, 1993: 182). Seguindo o pensamento deste estudioso, esses meios acabam sendo uma parte da escola, ou uma segunda escola num processo informal de educação, de modo atraente, onde não é

obrigatório e sim depende da escolha do indivíduo. Repensar essa relação para utilizar os meios de modo a organizar-se conforme a compreensão do mundo e das atitudes, é necessário, e não pensar em imitá-los, uma vez que sua função é divertimento, informação sem muito compromisso com conhecimento elaborado. “O processo ideal consiste em ter uma política ampla e efetiva de colocar a questão da comunicação como algo importante dentro da escola”. (MORAN, 2011). É essa a questão principal que se pretende com este trabalho, ou seja, fazer com que a escola entenda como uma política sua o uso pedagógico do rádio em seu espaço escolar e que ele faça parte de toda a dinâmica escolar enquanto instrumento de valor pedagógico na aprendizagem, de modo interdisciplinar.

Aqui podemos complementar com BARBERO (2009) que nessa interdisciplinaridade deve-se entender a complementação de saberes: o que vem do conhecimento científico e os da experiência social, numa ação de soma dessas inteligências coletivas.

Voltando aos estudos e experiências de ZENEIDA (2006), onde reafirma que o trabalho com o rádio na escola não pode desconsiderar o contexto sociocultural onde se encontra a escola e seu aluno, e não pode prescindir de uma formação da consciência crítica desse aluno e sua reflexão enquanto receptor e emissor. Sabendo que todo o processo de aprendizagem através desse meio, tem uma comunicação e fluidez das mensagens que se processam de modo rápido e em curtos espaços de tempo, não deixa de ser um mecanismo eficaz de entronização em novas formas de linguagens, elaboração e produção de textos, no desenvolvimento da oralidade e suas diferentes formas de expressão. E não deixa também, de ser um forte componente de intercomunicação e interação da escola com a comunidade que precisa se envolver nesse processo e partilhar o desenvolvimento dos aspectos de cidadania, dividindo responsabilidades e compromissos.

4. UMA EXPERIÊNCIA ANALISADA

O foco é um estudo de caso sobre a experiência do Colégio Estadual Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza da cidade de Jataizinho-Pr, com a criação de uma rádio no espaço escolar. Em função do resultado do IDEB-2005 de 2,2, do grande índice de evasão escolar e desmotivação do aluno na aprendizagem, a equipe de profissionais da educação partiu para busca de soluções para enfrentar a problemática. Iniciou-se com um diagnóstico sobre os motivos da evasão, questionário aplicado aos alunos, cálculos matemáticos e resultados aliados ao índice do IDEB.

De acordo com fala retirada de gravação do vídeo referenciado, sob iniciativa e coordenação do diretor auxiliar Prof. Reginaldo Lacerda Matos, a idéia inicial, foi, com os pequenos recursos disponíveis na escola, mesmo que precariamente, organizar uma rádio na escola, com o objetivo de motivar os jovens com esta mídia e aproveitar o interesse e conhecimento primário que alguns jovens possuíam sobre manuseio de equipamentos de som, e um segundo aspecto era a introdução de tecnologias midiáticas na prática escolar.

Conforme o professor Reginaldo, após, decorrido um ano da avaliação do IDEB-2005 o resultado obtido foi além das expectativas previstas para 2013, isto é, de 2.2 o IDEB saltou para 3.8. Credita-se, em parte, à motivação que a inovação tecnológica, via rádio-pátio levou ao corpo discente, principalmente.

O desfecho que lamentavelmente obteve esta experiência, que parecia ter tudo para solução de continuidade, acabou antes do 3º ano.

Os dados levantados iniciam-se com a coleta de informações através de um documento em DVD (parte 2) elaborado pelo Governo do Estado do Paraná, sobre 32 maneiras de ver a tecnologia na educação, sobre experiências em escolas com uso de mídias diversas. Dentre as 32 experiências, a de Jataizinho-Pr que diz respeito ao Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procópio, ao qual este trabalho está afeto.

Em seguida, conduzido por entrevista informal, relato verbal da experiência na opinião de alguns dos envolvidos desde o início: um membro da equipe pedagógica, 2 professoras e 3 alunas, no dia 14 de Fevereiro de 2011.

Pedagoga Dirce Batista

Professora de Matemática Deisemar Pavão do Prado

Professora de Língua Portuguesa e Inglesa Cristiane Barbosa Coelho

Aluna Jéssica Aparecida Sardinha

Aluna Nayara Camila de Souza

Aluna Marcela Baena

Seguem os depoimentos, transcritos como falados:

Questionada sobre sua experiência com a rádio na escola e os problemas mais freqüentes, eis suas respostas:

Aluna Jéssica:

tipo, as pessoas entravam sem ordem da professora ou de alguém e atrapalhavam a gente. Não dava pra fazer as coisas lá, porque eles entravam e ficavam fazendo bagunça e não tinha organização e tinha que ter organização. A equipe pedagógica colocava eles lá dentro pra ver o que a gente tava fazendo.

Perguntada sobre o que apresentavam e qual o tipo de programação:

Professores sugeriam temas pra ser pesquisados, músicas, várias coisas pra gente colocar lá na rádio, mas daí nós colocava, mas a professora da equipe pedagógica não deixava fazer todas as coisas, tipo não podia, dizia que era errado e várias coisas que ela falava.

Conforme sua informação isso acontecia no contra-turno enquanto preparavam as atividades, quando se reuniam com os professores para organizá-las.

Sobre a importância da rádio na escola disse: “gostaria que a rádio voltasse pra escola, a rádio dá educação pra muita gente, é muito boa, ajuda bastante na cultura e muitas coisas”. Sua função era de repórter e uma das atividades que ela lembrou foi uma entrevista com um vereador da cidade feita na Câmara Municipal.

Aluna Marcela: perguntou-se primeiramente qual sua função e porque a rádio escola não vingou mais tempo:

Eu era programadora, comandava um pouco de tudo, ajudava o pessoal de manhã e de tarde. Não vingou porque a equipe pedagógica atrapalhou muito, porque eles não deixavam tocar certas músicas que às vezes não

eram tão assim, vamos dizer erradas, e também colocando gente que não devia estar lá dentro.

Questionada se a rádio seria então só para tocar música, respondeu: “também é atividades, pesquisas, etc.”

Continuando seu relato: “a rádio não deu certo porque muita gente atrapalhou, tipo a equipe pedagógica mesmo. A gente ia fazer alguma coisa, eles falavam que estava errado, que não podia, que eles não iam deixar”.

Mas os professores não participavam dessas escolhas que eram consideradas erradas, não ajudavam na organização da programação?

Marcela: “ajudavam demais, muito. Sugeriam várias músicas pra gente colocar, várias coisas pra gente fazer. Só que, como eu disse, não deu certo por implicação de algumas pessoas”.

Por que você acha importante a rádio na escola? “Porque ajuda muito no potencial do aluno, tanto na área da cultura como da educação”.

Aluna Nayara sua função era organizar, pesquisar assuntos, deixar em ordem.

Por que você acha que não deu certo a rádio na escola? “Por causa da bagunça e da equipe pedagógica que ficava mandando gente, alunos que não eram lá da rádio entrando lá”.

Quem organizava a programação? “Os conteúdos eram selecionados pelos professores e pelo professor Reginaldo”.

Qual a importância para o aluno da rádio escola? “Ajuda na pesquisa, trabalho em equipe”.

Depoimento da professora Deisemar ao analisar o fracasso da rádio na escola:

Na minha opinião, o que levou ao fracasso da rádio escola, foi a falta de planejamento e o desconhecimento do uso correto, utilizando a mesma só para música e sem nenhuma informação, porque ela deve ser auxiliar na educação. Acredito que ela viria acrescentar como meio de comunicação, interação, cultura entre alunos e professores.

É importante a participação da equipe pedagógica que também tem que ter conhecimento, saber pra que serve, se não só coloca os alunos lá e coloca CD e música que não tem nada a ver com a escola e acaba atrapalhando.

Depoimento da pedagoga Dirce sobre porque a rádio escola não deu certo:

A falta de entendimento entre a equipe pedagógica dificultou em partes o bom andamento do trabalho com a rádio escola. O que também prejudicou o trabalho com a rádio foi a falta de pessoas entendidas pra mexer com os aparelhos, não tínhamos pessoas qualificadas pra trabalhar com os aparelhos.

Professora Cristiane dando suas razões sobre o fracasso: “na minha opinião faltou planejamento, um cronograma diversificado, variado, e acompanhamento da equipe e alunos com mais conhecimento. Falta de comprometimento da equipe pedagógica”.

Inquirida sobre o que se poderia fazer para dar certo:

Eu acho assim, juntando opiniões de professores, pais e alunos, eu acho que deveriam fazer pesquisa de campo para verificar quais métodos, quais informações deveriam ser repassadas para nossos alunos. Para ter sucesso no ensino aprendizagem, eu acho assim, a forma ninguém tem, mas eu acho que parcerias, equipe multidisciplinar, aluno, família, nossa rádio, com certeza, vai em frente.

Com os depoimentos associados, pode-se questionar o não estabelecimento de objetivos claros a serem alcançados ou que pelo menos servissem de um direcionamento. Isso é de suma importância na proposição de qualquer ação, pois é o que vai realmente servir de ponto de referência aos passos a serem seguidos.

Outro ponto que apareceu de modo claro, é que a programação era de forma vaga e era elaborada por alguns professores e alunos para preencher aquele espaço. E no dizer da professora DEISEMAR “o que levou ao fracasso da rádio escola, foi a falta de planejamento e o desconhecimento do uso correto, utilizando a mesma só para música e sem nenhuma informação”. Quando as alunas falam que “a rádio serve para pesquisas, trabalho em grupo, cultura e educação”, isso se traduz num objetivo vago e mal definido, ou seja, como se deseja que o mesmo seja traduzido e como será apresentado no espaço radiofônico, não estava no “planejamento”, como foi afirmado nos depoimentos das professoras. E junto com os dizeres da professora CRISTIANE “e alunos com mais conhecimento” associado ao da pedagoga DIRCE “a falta de pessoas entendidas pra mexer com os aparelhos, não tínhamos pessoas qualificadas pra trabalhar com os aparelhos”, denota a falta de trato com as tecnologias. Ao voltar ao depoimento em vídeo do professor REGINALDO, sua fala de: organizar uma rádio na escola, com o objetivo de motivar os jovens com esta mídia e aproveitar o interesse e conhecimento primário que alguns jovens possuíam sobre manuseio de equipamentos de som, e um segundo aspecto era a introdução de tecnologias midiáticas na prática escolar, o mesmo referenda o que está dito sobre o desconhecimento no comando de equipamentos midiáticos.

Outro aspecto que chama a atenção é a falta de interação com a comunidade, para trazê-la dentro da escola e partilhar, na visão de KAPLÚN, seus desejos, ansiedades, sentimentos e dividir com todo seu contexto. Isso ficou expresso na fala da professora CRISTIANE quando diz: “mas eu acho que parcerias, equipe multidisciplinar, aluno, família, nossa rádio, com certeza, vai em frente”

O estabelecimento de um quesito essencial para um projeto é qual conceito se tem do objeto a ser trabalhado e de que forma pode ser utilizado. Neste caso, a rádio-pátio não se definia nem como objeto de entretenimento e nem tampouco como elemento principal na prática pedagógica, se para toda a escola ou para determinadas disciplinas, como a que envolveu alguns professores, qual papel da equipe pedagógica nesse contexto a ser definido antes da implantação e não quando começou a apresentar problemas no decorrer do empreendimento. E isto ficou bem explícito nos depoimentos, e no que a própria pedagoga DIRCE diz: “a falta de entendimento entre a equipe pedagógica dificultou em partes o bom andamento do trabalho com a rádio escola”.

A implantação da rádio escola partiu de uma experiência que não se definiu como prática pedagógica especificamente, mas, que deveria, aos poucos se incorporar às necessidades de enriquecimento do dia-a-dia pedagógico.

Na prática, seria uma vivência interdisciplinar com os conteúdos improvisados da grade curricular, somados à cultura trazida pelos jovens para motivar um aprendizado diferenciado e a permanência e perspectiva de projetos de vida para eles. Assim, ela não exercia função pedagógica, e ficava centrada em alguns estudantes, que comandavam uma programação de entretenimento em sua visão particular com a colaboração de alguns professores, mas sem respaldo da equipe pedagógica, e não tinha uma rotina de funcionamento. Com isso foi perdendo o sentido inicial de motivar estudantes, evitar abandono escolar e introduzir os jovens alunos no mundo digital porque não se organizou em torno de objetivos claros a serem buscados ou de uma diretriz para condução e correção de etapas, quando necessária.

Ao pensar nas possibilidades que se projeta diante de uma experiência que se contava como certa e promissora, vem uma pergunta: Que caminhos deveriam ter sido percorridos? O que aconteceu para que essa experiência fosse abortada?

As respostas que se busca, podem não trazer nenhuma perspectiva de solução para o caso, mas vão permitir outros questionamentos e razões que

justificam, em parte, a não continuidade ou o aperfeiçoamento dessa experiência, e prosseguir em investigações sobre o valor real do uso de uma rádio no espaço escolar.

Aqui podemos recorrer a MORAN (2011), que alimenta um ideal para uma aprendizagem como um processo contínuo, que é estabelecer a questão da comunicação, como uma política pedagógica ampla e efetiva da própria escola. E isso deve envolver toda a comunidade escolar interna e externa, ser estabelecida como compromisso real, efetivo e contínuo, definido no projeto coletivo da escola, ter acompanhamento pedagógico pelas instâncias colegiadas, e ter compromisso com as entidades representativas da cidade que também são fiscalizadoras do processo de aprendizagem e de sua qualidade, pois o resultado é dirigido especialmente à própria comunidade. Exercício pleno da condição cidadã. E com a mídia rádio não deve ser diferente.

A proposta do projeto pressupõe uma preparação dos professores e a elaboração de uma metodologia de trabalho viável, buscando alternativas para efetivar o caráter identitário da rádio, afim de que se torne um espaço constitutivo do Projeto Político Pedagógico da escola e do Plano de Trabalho do Professor. Dessa forma, o projeto de rádio da escola vale-se de temas vindos da demanda da própria comunidade, observando a necessidade de um maior conhecimento da natureza e da dinâmica das fontes fornecedoras da informação primária (comprometimento ético entre fato e versão, manipulação e fidedignidade da informação), subsidiando a construção de textos que, costumeiramente, não circulam no ambiente discursivo escolar BALTAR e GASTALDELLO (2008:11).

Se assim tivesse acontecido, pode ser que só precisasse de algumas adaptações ou melhorias. Enquanto política para a escola, a melhor justificativa é ser o rádio elemento que mobiliza a percepção sonora e o imaginativo visual dos ouvintes, que desperta o sentido humano pela sensibilização e através disso podem construir suas próprias imagens a partir de suas experiências individuais, do local onde moram, de sua casa e assim formar uma visão de mundo e se perceber nesse mundo, inclusive como agir nele (MEDITSCH, 1995). Essa perspectiva é a da interação completa entre emissor e receptor que acontece enquanto comunicação em seu sentido amplo, num processo de mão dupla.

Ao lado disso, pode-se desenvolver reflexão crítica sobre essa escuta, para que o aluno possa se conduzir na forma como identificar, selecionar, imaginar e decidir a partir do desenvolvimento de sua acuidade sonora. Junto também o desembaraço e desenvoltura em relação à expressão oral e escrita, ao realizar a

grade de programação (entrevistas, músicas, noticiários, informações, chamadas), em função de temas e sub temas escolhidos. É importante que a isso se preceda uma pesquisa bem orientada e fundamentada, pois sendo o rádio um veículo dinâmico sua linguagem deve conter frases curtas, diretas e proporcionar compreensão. É claro que os conteúdos necessitam ser aprofundados em cada disciplina com outros recursos pedagógicos complementares (ALMEIDA, 2009).

Em extensão ao espaço escolar, o rádio, como uma inovação tecnológica de fácil acesso, pode ter sua contribuição na melhoria da auto-estima e de atitudes cidadãs em toda a comunidade, mesmo quando isso não é explicitado, pois nesse contexto a comunicação se efetiva de maneira subliminar e sem se perceber efetua troca de conhecimentos entre emissor e receptor que de uma maneira ou outra acaba forçando a organizar as informações que encontram entre esses pares porta vozes da interação e agentes e produtores culturais por meio dela.(PERUZZO, p.11, acesso 14/12/2010)

Forma um processo democrático horizontal entre os sujeitos e suas ações que ao transformar informação em conhecimento acabam beneficiando a comunidade que usufrui e incorpora no seu dia-a-dia grande parte desse conhecimento, ou seja, se utiliza sabiamente dele para benefício próprio, como reafirma MORIN (2003:8). Nesse sentido, conforme GONÇALVES & AZEVEDO (acesso em 20/11/2010), a comunidade constrói seu próprio discurso onde expressa, seus pontos de vista, seus desejos, necessidades e suas idéias para melhor desenvolver as relações que são próprias da comunidade com os demais contextos.

A incorporação de novas tecnologias está prevista na definição de política pública para a educação pelo próprio Ministério da Educação, desde que dentro de perspectiva pedagógica planejada e definida no processo educacional.

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações (...) A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. MEC, (1998:140).

Bem explícito pelo MEC - Ministério da Educação e Cultura, sobre o uso de tecnologias em sala de aula. Infelizmente é o que ainda ocorre: seu uso pura e simplesmente como novidade ou alternativa de chamar a atenção, ou mesmo como recurso para reforçar discurso tradicional dentro da sala de aula. Por isso é preciso critério na utilização de qualquer recurso pedagógico: um plano de aula ou projeto de maior prazo para que sejam estabelecidos objetivos e critérios embasados em uma boa justificativa.

Levando-se em conta o que diz a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 que é preciso colocar o aluno em contato com novas formas de linguagem no ensino médio, principalmente, e com o desenvolvimento e incorporação das novas tecnologias pela sociedade, à escola é exigido um papel mais pronto de preparar o aluno para este mundo de tecnologias e cada vez mais midiático.

Mais do que um modismo, a apropriação das TICs no universo escolar merece uma discussão aprofundada. Caso contrário, elas correm o risco de tornarem-se meros recursos didáticos para ensinar determinados conteúdos, sem que haja qualquer reflexão sobre suas características, ou sejam encaradas como o fim do processo, em uma visão tecnicista da educação. (ANDRELO, 2009:99)

Nem sempre a boa intenção é suficiente, se não houver um planejamento e controle de ações adequadas, pois é muito fácil perder-se o rumo ou o caminho. Mesmo quando há esse planejamento, muitas vezes as circunstâncias e a falta de habilidade podem conduzir ao fracasso indesejado. E alguns estudos sobre experiências radiofônicas educativas mostram que o processo se faz de modo conservador onde o professor continua sendo o emissor e o aluno o receptor, sem levar em conta toda a cultura que envolve este meio e a de seus ouvintes (ANDRELO, 2009). Outras experiências pautam-se mais em situações pouco planejadas, contando mais com o improvisado ou com meros recursos que logo se esgotam ou tornam-se repetitivos e, nessas condições, qualquer projeto tende a não ter vida longa. Ainda há um longo caminho a percorrer.

Muitos estudos ainda se fazem necessários sobre esse tema, pois conforme BALTAR & GASTALDELLO (2008:8) “a rádio escolar ainda está em processo embrionário em nosso país”, apesar de se ter muitos estudos sobre rádio, mas mais especificamente em rádios comerciais e educativas e em educomunicação em geral.

As experiências com rádio na escola, tanto as positivas quanto as negativas, merecem estudos mais acurados sobre o que levam essas experiências ao fracasso ou a não ter solução de continuidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos que admitir que a sociedade sofre mudanças muito intensas devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação e das informações em tempo real, nem sempre passíveis de um crivo seletivo e crítico sobre elas, mas que não deixam de se caracterizar por uma sociedade da aprendizagem, mesmo que ligeira e superficial, na maioria das vezes.

Buscando em OROZCO GÓMEZ (2010), uma afirmação que já está no texto, essas mudanças provocam o surgimento de novos paradigmas, inclusive na educação que continua centrada na imitação, repetição e memorização resultando numa fiel reprodução, enquanto algumas atitudes mais ousadas buscam o descobrimento pela exploração e experimentação, permeada pela interação que leva à construção do conhecimento numa ação coletiva, levando em conta o que já se tem sistematizado ou organizado.

OROZCO continua dizendo, que vê uma certa miopia dos docentes que se negam a perceber as vantagens no uso de mídias audiovisuais, as mais diversas disponíveis, para uma aprendizagem mais rica, efervescente e animadora. Ao mesmo tempo, ele analisa que o próprio estudante parece ignorar as influências que as diversas mídias exercem sobre seu desenvolvimento educacional, mas que não deixam de construir uma cultura própria em função dessas influências.

Considerando esses aspectos iniciais, retoma-se a linha de raciocínio sobre o valor pedagógico de uma rádio na escola como instrumento auxiliar da aprendizagem. ANDRELO (2009), considera entre as TICs, o rádio como um recurso de baixo custo e mais fácil mobilidade, mais acessível e de grande penetração na população em geral e sensorialidade que envolve o ouvinte. Uma das razões de sua defesa para o uso do rádio no espaço escolar como um recurso pedagógico é um programa da própria escola no contexto das disciplinas para que o aluno possa pensar na construção do conhecimento de modo interativo e coletivo, e lembra Zeneida, ao apontar as qualidades e benefícios que a prática com o uso do rádio na escola pode proporcionar .

O primeiro passo é a desmistificação de que uma mídia como ele pode tornar a transmissão do conhecimento uma formalidade sem muita fundamentação teórica e superficial, devido sua dinamicidade e seu modo de expressão ser por frases curtas e informações rápidas. Isso em parte pode ser verdade, se a veiculação de conteúdos se limitar à sua forma de comunicação. Mas, de outro lado, é necessário ter bem claro e definido nos objetivos que essa não é exclusivamente a única forma de trabalhar o conhecimento, mas exige complementaridade de outras ações pedagógicas.

Outra questão, é de difícil instalação, exige muitos recursos e nem sempre há pessoas capacitadas para seu manuseio. Com os recursos, hoje existentes nas escolas estaduais do Paraná, é possível criar rádio e associar aos recursos de rádio web com programas e softwares livres à disposição no sistema de informática e internet das próprias escolas. Quanto ao manuseio, este sim, pode representar uma dificuldade se não houver interesse em aprender e se “alfabetizar” midiaticamente falando, pois esta é uma necessidade premente do corpo docente e discente da escola. É preciso deixar de lado essa “miopia”, como diz OROZCO.

Há que considerar a possibilidade de web rádios associadas ao uso da internet (PRATA, 2008), pois isso pode agregar mais conhecimentos científicos com bom direcionamento a blogs especializados em temas da educação ou disciplinas, softwares educativos, revistas temáticas eletrônicas e educativas, jogos pedagógicos por disciplina, etc. Sem dizer que o aluno pode ser conduzido a todas as partes do mundo que estão interconectadas, visitar museus, conhecer a história e geografia de países e visitá-los, e uma infinidade de atividades enriquecedoras.

Nessa perspectiva não se pode perder de vista que isso tudo deve vir acompanhado de orientação, acompanhamento e direcionamento aos temas e conteúdos que se pretende trabalhar, e tornar esse aluno, não apenas consumidor e usuário de novas tecnologias, mas um sujeito produtor e capaz de criar novas possibilidades de sua inserção na sociedade como cidadão crítico, participativo e responsável, sentindo-se integrado em novas comunidades, criar novos significados para sua própria cultura e valorizar sua identidade local. (ASSUMPÇÃO & ANGELUCI, 2010).

Também não se pode descartar a importância que a participação da comunidade tem nesse processo, pois cria uma identidade com o espaço escolar e leva a cultura originária do jovem, que associada a que o próprio jovem constrói em

sua relação com os meios de comunicação, reforça o que Zeneida fala sobre considerar as informações, que mesmo de maneira desorganizada, o aluno construiu em suas vivências externas à escola. Lembrando, que a escola não é mais só o único espaço de transmissão de conhecimento: outros espaços estão chegando muito mais rápidos e com um volume imenso de informações que necessitam passar por um crivo. É esse crivo, análise crítica, o instrumento que a escola precisa lançar mão para levar o aluno à reflexão e junto com o espaço escolar dar um direcionamento melhor ao conteúdo adquirido e na troca partilhar a construção do conhecimento no sentido de mão dupla, entre ele e a escola, saindo da verticalidade na transmissão do conhecimento, sua reprodução ou imitação, para a da exploração conjunta, numa parceria coletiva (OROZCO GÓMEZ, 2006).

Quanto à experiência analisada, ela pode servir de parâmetros para não se cometer os mesmos erros, orientar e promover novos estudos a respeito de como pode funcionar uma rádio nas escolas, desde que seja um projeto coletivo e que envolva a comunidade escolar, com destaque aqui para o Grêmio Escolar e a APMF (Associação de Pais, Mestres e Funcionários), seu entorno, a comunidade em geral, no desenvolvimento conjunto dos aspectos de uma cidadania responsável, cooperativa e solidária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. T. **RÁDIO**: uma ferramenta no processo ensino-aprendizagem
<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt18/ComunicacaoOral/ADEMAR%20TORRES%20DE%20ALMEIDA.pdf>
 Acesso: 17/10/2010
- ALMEIDA, R. Simões de (Org). **A arte de ensinar e aprender pela pesquisa** : textos e projetos. C. Procópio: UENP, 2009.
- ALVES-MAZZOTTI, J. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, online, v. 36, n.129, p.637-651, set./dez. 2006. Em: <http://www.scielo.br.php?script>.
 Acesso: 10/10/2010
- ANDRADE, M. MARGARIDA de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**. Noções práticas. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ANDRELO, R. **Rádio na educação escolar**: possibilidades pedagógicas. LABORE – Laboratórios de Estudos Contemporâneos. POLEMICA (Revista Eletronica) vol8 (4) - outubro/dezembro 2009. Em: [http://www.polemica.uerj.br/8\(4\)/artigos/contemp_1.pdf](http://www.polemica.uerj.br/8(4)/artigos/contemp_1.pdf)
 Acesso: 17/10/2010
- ASSUMPÇÃO, Z. ALVES de. **O rádio na escola**: uma proposta para o ensino de 1º grau. São Paulo : Ed. Annablume, 1999.
- _____. **A rádio no espaço escolar**. São Paulo: Ed Annablume, 2009.
- _____. **Radioescola**: locus de cidadania, oralidade e escrita. Em: http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Assumpcao.pdf UNIrevista – Vol. 1, nº 3: julho 2006. Acesso: 17/10/2010
- _____. **A rádio na escola**: uma prática educativa eficaz. Em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/radioescola-N2-2001.pdf>
 Acesso:17/10/2010
- ASSUMPÇÃO & ANGELUCI. **Blog, ciência e educação**: construindo o conhecimento nas crianças. Realização ANDI- Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Em: <http://www.walan.org.br/bancoarquivos/Arquivos/downloads/ebooks/infancia-&-consumo.pdf>
 Acesso: 18/12/2010

ASSUMPÇÃO, Z. ALVES de. & HUK, V. K. **A rádioescola como meio complementar na transmissão do conhecimento.** Em:
http://www2.metodista.br/unesco/1_Comsaude2009/arquivos/trabalhos/12-COMSAUDE_Radioescolacomomeiocomplementar-Vanes_pdf
 Acesso: 17/10/2010.

BALTAR, M. & GASTALDELLO, M.E.T. et al. **Rádio na escola e/ou rádio da escola.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1316-1.pdf>
 Acesso: 20/10/2010

BARBERO, J. MARTIN. **As formas mestiças da mídia.** Pesquisador fez da América Latina laboratório de uma original teoria da comunicação num mundo globalizado. Entrevista a Mariluce Moura
http://www.revistapesquisa.fapesp.br/pdf/163/entrevista_163.pdf (p.10-15)
 Acesso em: 18/01/2011

_____. **Jesus Martin-Barbero falando sobre Escola e Internet**
 Trecho de entrevista com Jesus Martin-Barbero em vídeo. Sab, 12/09/2009 - 12:28
<http://www.faberludens.com.br/pt-br/node/2641>
<http://www.faberludens.com.br/pt-br/taxonomy/term/1127> VIDEO
 Acesso: 18/01/2011

_____. **Caminhamos rumo a uma inteligência coletiva.** Entrevista por: Carolina Rojas e Graziela Wolfart. Em:
<http://www.ciseco.org.br/entrevistas.php?id=6>
 Acesso: 18/01/2011

BARBOSA FILHO, A. e CASTRO, C. **O rádio de Mario Kaplun é o rádio do futuro** - a aplicação da práxis de Kaplun como ferramenta para a inclusão digital. Em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1922-3.pdf>
 Acesso em: 17/10/2010.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Trad. de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERLO, D. K. **O processo da comunicação:** introdução à teoria e à prática. Trad. Jorge Arnaldo Fontes. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Coleção biblioteca universal)- Cap.V- Interação: objetivo da comunicação interpessoal. p. 109-137.

BRECHT, Bertolt. **O rádio na visão de Bertolt Brecht. 1932.** (Teoria do rádio 1927-1932).

Tradução: Regina Carvalho e Valci Zuculoto. Fonte: site do Radio Livre. Em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/664.html>. Acesso: 17/10/2010.

BRIGGS, A. & BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2 ed. rev. e ampl. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias e Paulo Vaz. Rio Janeiro: Zahar, 2006.

CARACRISTI, M. F. **As idéias de MARIO KAPLÚN: fenômeno latino da comunicação educativa**
PCLA - Volume 1 - número 4: julho / agosto / setembro 2000 (Universidade Metodista de São Paulo/ Brasil). Em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista4/perfis%204-2.htm#>
Acesso: 07/12/2010

FERRARETTO, L. Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Doravante, 2007.

FERRARETTO & KISCHINHEVSKY. **Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação**. CULTURA E MEDIAÇÃO. Revista Famecos • Porto Alegre • v. 17 • n. 3 • p. 173-180 • setembro/dezembro • 2010. Em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8185/5873>
Acesso:18/01/2011

GIL, A. CARLOS. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HORTA, P. & TAVARES, R. **Caminhos que se cruzam**. CIPEAD – Curso Mídias na Educação. Módulo Básico da Mídia Rádio. Em: <http://www.cursos.nead.ufpr.br/course/view.php?id=236>
Período: 01 a 28/06/2009

KAPLÚN, Mario. **A la educación por la comunicación**. UNESCO: Chile, 1992

_____. **Una pedagogia de la comunicación**. Ediciones de La Torre. MADRID, 1998. 230 p. Proyecto Didáctico Quirón, n.º 101. Em: <http://www.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion>
Acesso em: 22/10/2010.

KLÖCKNER, L (org.) e PRATA, N. **História da mídia sonora [recurso eletrônico] : experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**
Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009. 558 p.
<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>
ISBN 978-85-7430-889-0 (on-line)

LUDKE, Hermengarda. **Discussão do trabalho de Robert E. Stake**: um estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.

Em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/56.pdf>

Acesso em: 25/10/2010 – p.15-18

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MARCONI, M. de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas: n/d.

MATTOS, Sérgio. **O PAPEL SOCIAL DO RÁDIO**: A Mão dupla da comunicação.

Em:

<http://smattos.blog.com/2005/01/26/o-papel-social-do-radio/>

Acesso: 07/12/2010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. **Parâmetros Curriculares**

Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/CEF. 1998. 174 p.

MEDITSCH, E. Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra 9 de Novembro de 1995. Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica.

Sexta meia-verdade: "O ouvinte complementa a mensagem do rádio com sua imaginação visual"

Sétima meia-verdade: "A linguagem do rádio é composta pela combinação de músicas, ruídos, palavras e silêncios". Em:

<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.html>

Acesso: 07/12/2010

MEDITSCH, E. **A nova era do rádio**: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico - O rádio e as tecnologias intelectuais. Em:

http://mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=136:radiodiscurso&catid=56:radio&Itemid=70

Acesso: 07/12/2010

MEDITSCH, E. & BETTI, J. G. **Mario Kaplún**: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latino-americana (2008). Em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumo/R3-1473-1.pdf>

Acesso: 14/12/2010.

MEDITSCH, E. & ZUCULOTO, V. **Teorias do Rádio**: textos e contextos – Volume II do Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). (16/08/2008)

(Projeto individual e coletivo de tradução e compilação do Vol. II). Em:

<http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=1603>

Acesso: 15/12/2010

MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Trad. Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lúcio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAN, J. M. **Leitura dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

MORAN, J. M. **Os Meios de Comunicação na Escola**. EM:
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf
 Acesso: 18/01/2011

MORIN, E. **A comunicação pelo meio** (teoria complexa da comunicação)
 Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 20 • abril 2003 • quadrimestral
 DOSSIÊ FRANÇA. Em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3197/2462>
 Acesso: 10/12/2010

NOVAIS, FERNANDO, A. (coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
 - Vários autores.

OROZCO GÓMEZ, G. **Comunicação Social e mudança tecnológica**: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: **Sociedade midiaticizada**. Dênis Moraes (org.); traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lúcio Pimentel. Rio Janeiro: Mauad: 2006.

_____. **Mídia, recepção e educação**. ENTREVISTA com o professor Guillermo Orozco Gómez. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 26 • abril 2005 • quadrimestral p. 16-23. Em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3298/2555>
 Acesso: 17/12/2010

_____. **Educación, comunicación y tecnología**
 Tabanque: Revista pedagógica, ISSN 0214-7742, Nº 14, 2000, pags. 107-118. Em:
<http://dialnet.unirioja.es/servlet/busquedadoc?db=1&t=GUILLERMO++OROZCO++G%C3%93MEZ&td=todo>
 Acesso: 20/12/2010

PERUZZO, C. M. & KROHLING. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaborações no setor1. Em:
http://sabanet.unisabana.edu.co/comunicacion/palabraclave/downloads/pclave_019-14.pdf
 Acesso: 14/12/2010

PRETTO, N. De Luca. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas- São Paulo:Papirus, 2008.

PRETTO, Nelson e PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologias e novas educações**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2006, vol.11, n.31 [citado 2011-01-16], pp. 19-30 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100003&lng=pt&nrm=iso
 Acesso: 12/12/2010

RIZZO, S. **Por uma escola que contemple o audiovisual.** Em:

<http://www.usp.br/educucomunicacao/saibamais/textos>

Acesso em: 17/11/2010

TAVARES, R. & SUETU, C. Y. **O rádio no Brasil:** os anos de pioneirismo.

CIPEAD – Curso Mídias na Educação. Ciclo Intermediário- 2009-Módulo Mídia Rádio de 26/10/2009 a 15/11/2009. Em:

http://www.webeduc.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_intermediario/inicio.htm

http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_intermediario/radiobrasil.htm

Período: 26/10 a 15/11/2009

Acesso em: 20/10/2009

TORNERO, J. M. P. (compilador). **Las escuelas y la enseñanza en la sociedad de la información**

[_from anep.edu.uy](http://anep.edu.uy) P Tornero - Comunicación y educación en la sociedad ..., 2000 - ipes.anep.edu.uy Modalidad Libre asistido - Módulo V Comunicación y educación en la sociedad de la información Nuevos Lenguajes y conciencia crítica. P. 1-57

José Manuel Pérez Tornero – compilador – Paidós Papeles de Comunicación 27.

Em:

http://www.ipes.anep.edu.uy/documentos/noticias_portada/vinculo_abajo/libre_asistido/materiales/modv_perez.pdf

Acesso: 20/01/2011

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIDAL, J. Pont. **A realidade social é externa ao indivíduo?** Uma aproximação à pesquisa qualitativa. Paper do NAEA 203, Novembro de 2006. Em:

<http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper56.pdf>. Em:

Acesso: 15/11/2010

ZENEIDA (vide) ASSUMPÇÃO, Z. ALVES de.

ZUCOLOTO, V. R. M. **As influências históricas da fase ouro do rádio comercial brasileiro nas emissoras do campo público:** uma estação estatal comanda o espetáculo (366-381 p.). CAP 4 Rádio, Política e Comunicação Pública

IN: **História da mídia sonora** [recurso eletrônico] : experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil / org. Luciano Klöckner, Nair Prata. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009. 558 p.

ISBN 978-85-7430-889-0 (on-line). Em:

<http://www.pucrs.br/edipucrs/midiasonora.pdf>

Acesso: 20/10/2010

DVD-PARANÁ-SEED. **32 Maneiras de ver a tecnologia na educação.** TV Paulo Freire. Cooparceria de Hattem Produções Cinematográficas Ltda. Parte 2 – O Rap de Jataizinho. 2009. Também disponível em:

<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpaulofreire/modules/debaser/singlefile.php?id=318>